a/e Arte & Ensaios
Arte & Ensaios
vol. 31, n. 50,
jul.-dez. 2025

Jorge de León – Chamas

Jorge de León – Flames

Julie Brasil
0000-0003-3108-2478
julie.brasil@unirio.br

Jorge de León se ergue na contramão do esquecimento, forjando sua arte a partir da marginália – das ruínas acesas pelo fogo da violência urbana, colonial e íntima de seu país, Guatemala, e de sua própria trajetória marcada pela experiência carcerária e pelo contato precoce com as *maras*[1]. Seu corpo, território de sobrevivência e denúncia, se torna campo agônico cujas cicatrizes se abrem à coletividade não como rendição, mas como potência inaugural. É nesse corpo que ele costura a própria boca, rito de um silêncio forçado, gesto que funda, além de forte estética, uma crítica feroz ao dispositivo político do silenciamento dos "descartáveis". O corpo como fronteira e o silêncio costurado como possibilidade de dizer o indizível, de interromper a lógica da naturalização da dor social e deslocar o olhar para o que, como nos ensina Didi-Huberman, arde e resiste na superfície da imagem. Porque a imagem nunca é ilesa: ela traz cicatriz e brasa, trata o espectador como cúmplice e herdeiro das ruínas, como aquele a quem resta, no mínimo, escutar a memória do incêndio.

Longe do discurso redentor, de León recusa a remissão do trauma; sua obra é sobrevivência do estilhaço, insistência no gesto, expressão do corpo que não se fecha no autossacrifício, mas se transforma em denúncia e profanação do real. A boca costurada, cena que ecoa tanto a violência estatal quanto a impotência ritualizada, nos remete a uma temporalidade suspensa, em que nos resta esperar que a taciturnidade, em sua materialidade aguda, seja ouvível. Eduardo Galeano nos recorda que não há fogo mais real do que aquele que, vindo das margens, torna-se memória e fermenta rebelião. Assim, o artista não busca reconciliação; testa os limites da linguagem e confronta o espectador com a urgência de agir.

[1] Gangues urbanas associadas às máfias locais e internacionais, que resultaram da deportação em massa de guatemaltecos, salvadorenhos e hondurenhos que tinham fugido da violência dos conflitos armados para Los Angeles. A exclusão social e a violência levaram alguns desses grupos a formar gangues nos EUA na década de 1980 e, com sua posterior deportação, os deslocados constituíram a mão de obra das gangues nos três países do Triângulo Norte.

PPGAV/EBA/UFRJ
Rio de Janeiro, Brasil
ISSN: 2448-3338
DOI: 10.60001/ae.n50.20

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 50,
jul.-dez. 2025

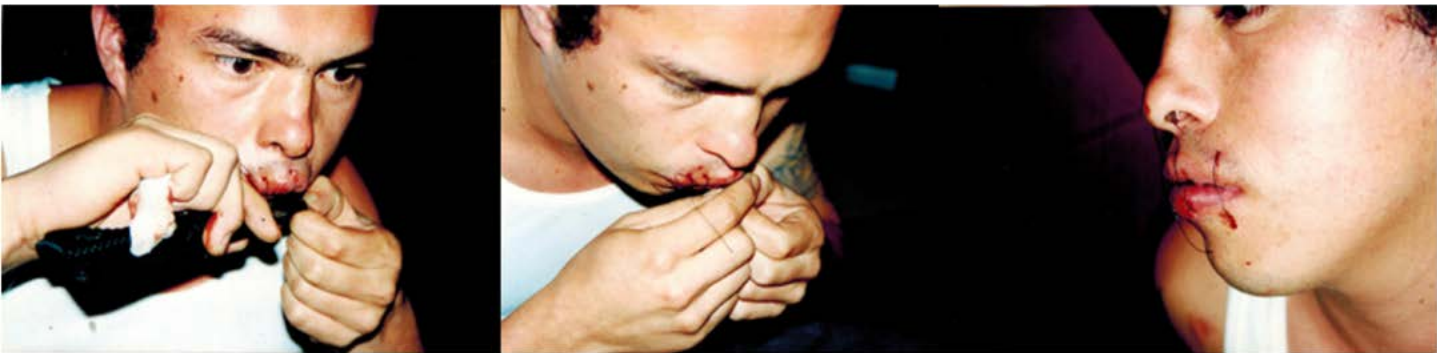


Figura 1
Jorge de León, *El Círculo*, performance, artista costura a boca fechada, 2000
Fotos Regina José Galindo

A guilhotina, erguida diante do Palácio na Guatemala logo após as eleições, desloca de modo incisivo o sentido da insurreição, convertendo o monumento em enigma e ameaça. Sua lâmina evoca não somente a violência do passado colonial, mas a tensão constante entre justiça e poder, figura de uma decisão que nunca é apenas corte, mas fenda aberta no tempo histórico. Na obra de Jorge, a guilhotina adquire densidade: não visa ao espetáculo, mas pesa sobre o espaço público como metáfora da escolha inadiável, da exigência de ruptura. Assim como Arendt distingue a política da mera força bruta, o gesto autêntico é sempre invenção do imprevisível, fissura por onde a liberdade escapa ao cálculo e reinventa o devir na finura do instante.

Por essa via, o ato deixa de ser simples encenação para tornar-se chamado à criação diante da barbárie. Persevera a afirmação da vida, restaurando no próprio limite a possibilidade do novo: o gesto criador que brota daquilo que a morte pretende interditar.

Em *Loop*, Jorge executa um labor impossível: conduz o arado sobre a areia à beira-mar, em repetição exausta, com um cavalo que se debate contra sua própria imagem no espelho líquido. Aqui, a metáfora nietzschiana do eterno retorno emerge não só pelo absurdo da tarefa, mas porque cada gesto, ainda que fadado ao fracasso, é hipótese de reinvenção e recusa do niilismo. “Queria você viver esta vida, mais uma e mais um incontável número de vezes?”, provoca o filósofo. Na ação do artista, é a fidelidade à experiência, à insistência do acontecimento que afronta o naufrágio da memória. A arte, afirma Galeano, é mensagem lançada ao mar, mero desejo de contato. Assim, Jorge de León ara o despropósito, sem esperança de colheita, mas sem jamais abandonar o gesto.

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 50,
jul.-dez. 2025



Figura 2
Jorge de León, *Monumento*, madeira e metal, guilhotina instalada no Parque Central da Guatemala um dia após o comediante Jimmy Morales vencer a eleição presidencial, 300 x 100 x 200cm, 2015
Foto Akira Ikezoe, cortesia do artista

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 50,
jul.-dez. 2025



Figura 3
Jorge de León, *Loop*, videoperformance 7", Site Specific, 2010
Com a colaboração de Percy Hernández, Jennifer Albúrez, Roger Castro, Luis Simón, José Chavajay, Sandra Monterroso, Jenny Vela e Benvenuto Chavajay

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 50,
jul.-dez. 2025

Quando suas pinturas de incêndios[2] ganham corpo, o que se intensifica é não apenas a cena do desastre, mas o duplo sentido do fogo: chamas que consomem e chamamento à ação. Porque, como afirma Didi-Huberman, as imagens verdadeiramente intensas ardem – inflam o regime sensível, transportam o que a história recalca, colocam-se como sintoma e não como remédio. Elas apontam para a ferida aberta da cultura, a barbárie intocada pelo verniz da civilidade. O fogo é tempo condensado, instaurando a crise, refutando a anestesia. Hannah Arendt lembra que toda ação política implica o imprevisível, a coragem de inaugurar mundos. O incêndio dos quadros de de León pede pensamento, pede sensibilidade, pede, sobretudo, que não se negue a dor do passado em nome de consensos fabricados.

Pois o mundo arde e convoca em duplo sentido. O fogo rasga nossas antigas narrativas e as submete à prova do tempo. O incêndio atravessa as políticas da terra arrasada, em que civilizações se rendem ao extermínio, em que a tática militar tudo devasta, tornando impossível a sobrevivência, como nos massacres e na Operación Ceniza da Guatemala, que reduziu tudo a cinzas de 1982 a 1986, queimando vilarejos, corpos, histórias. Ali, a destruição sistemática é tanto feita para impedir a vida quanto para apagar a memória dos que tentam resistir.

Chamas voltam no incêndio do abrigo para menores de San José de Pinula, na Guatemala, em que o fogo não foi acidente, mas resultado do abandono estatal e da violência cotidiana; foram 41 meninas, trancadas e silenciadas, que morreram queimadas enquanto protestavam contra os abusos cometidos dentro da instituição. O fogo que ali irrompe não só destrói corpos, mas denuncia a falha terrível de uma sociedade incapaz de proteger seus filhos, como gritaram em coro: “Foi o Estado, não foi acidente, foi uma execução”.

As chamas cruzam fronteiras. Incêndios florestais devastam os continentes, o ar se enche de fumaça tóxica, animais fogem, comunidades se desintegram, como acontece a cada ano no Cerrado brasileiro, na Amazônia, na América do Norte, nos incêndios de Alberta, Minnesota e Califórnia em 2025, tão intensos, que o céu em outros lugares se tinge de laranja. Entre os que combatem esses incêndios, muitos são imigrantes – sem reconhecimento, presos enquanto protegiam a terra alheia –, mostrando que a labuta do fogo é também fronteira política; é tudo menos neutra.

---

[2] Exposição Nesse vão breu, onde nossos sonhos se encontram e dançam juntos, Centro Cultural Correios, curadoria de viníciux da silva, Ciclo no programa xow.rumi do Capacete, Rio de Janeiro, Brasil.

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 50,
jul.-dez. 2025

E o fogo também se faz arte e ironia da precariedade civilizatória: arde o Museu Nacional do Brasil em 2018, consumindo em uma noite acervos insubstituíveis de história e saber, num edifício que já concentrava alertas ignorados de risco e abandono; arde Notre-Dame de Paris, mobilizando 400 bombeiros para salvar o que resta da catástrofe. As imagens desses escombros geram cicatriz aberta daquilo que chamamos de cultura e memória, mostrando, como observa Didi-Huberman, que as imagens ardem – literal e simbolicamente.

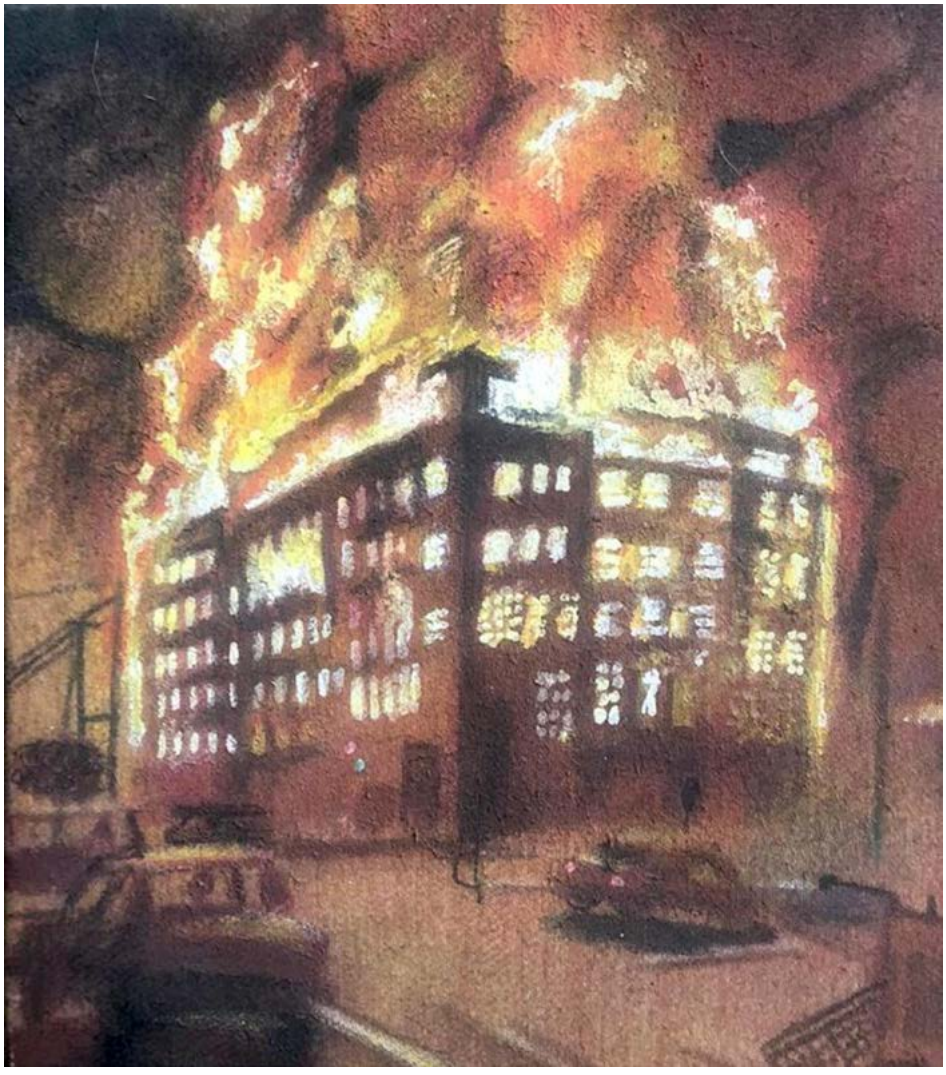


Figura 4
Jorge de León, *Mineapolis*
2020, acrílica sobre tela,
18 x 22cm, 2021

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 50,
jul.-dez. 2025



Figura 5
Jorge de León, *Incêndio*, óleo sobre tela, 45 x 35cm, 2024

O fogo é também ferida pública e matéria de disputa. Foi incêndio, chama que devorou corpos inteiros no genocídio guatemalteco – a morte nas aldeias, nos barracos, nos campos, ateando gasolina nas casas, queimando vivos homens, mulheres e crianças, amontoando cinzas como testemunho da passagem violenta da história. Nas narrativas de Galeano, há o abismo do vulcão que devora testemunhas e vítimas, há o ritual da terra queimada, lavando a memória para que nenhum ser vivo consiga repovoar o oco.

A história das chamas alcança o cotidiano das fábricas e dos sonhos proletários: como as moças trancadas dentro da Triangle Shirtwaist Company, que arderam na camisa feita para exportar trabalho mal pago e vidas abortadas, saltando das janelas sem socorro, em 1911, inspirando reformas que ainda hoje reclamamos. E, nas ruas de Manhattan, unidas às lutas pelo direito de existir, a resistência se repete: o ritual em frente ao Brown Building lembra o grito das 146 jovens imigrantes, vítimas do fogo e da opressão patronal.

As chamas, substantivo, são matéria, evento, tragédia. Elas ardem nos corpos, nas instituições, nos territórios, na vegetação, nos arquivos e nos acervos do mundo. É, porém, na passagem ao verbo – chamamento – que reside a potência do gesto artístico e político. Jorge de León, ao costurar o silêncio, ao arar o mar, não apaga com o fogo, mas lança à multidão o chamado para a ruptura e para a consternação em ação – ecologia do protesto, filosofia da travessia, ética da sobrevivência. É nesse duplo sentido que o fogo é convocado a queimar nossas aporias, converte-se em voz plural e restaura o vínculo com o comum, inscreve novas subjetividades, convida à resistência frente às visões genocidas, racistas e classistas.

As chamas se tornam, assim, matéria de provocação, de luto e de renascimento. A imagem das meninas de Pinula ou das jovens operárias de Nova York, das florestas engolidas pela fumaça ou dos museus que gritam pelas cinzas, dos povos atirados aos vulcões ou das multidões imigrantes sufocadas na fogueira lenta dos trabalhos essenciais está presente como testemunho e apelo. O fogo, campo de destruição, é também momento inaugural: quando tudo parece perdido, quando a cinza tenta sufocar, é possível que seja aí que arde, de novo, a centelha do chamamento, aquela que retorna e chama ao convívio – ao trabalho coletivo pela vida, pelo pensar e pela palavra.

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 50,
jul.-dez. 2025



Figura 6
Jorge de León, *Tonos fríos y cálidos*, acrílica sobre tela, 19cm [diâmetro], 2025

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 50,
jul.-dez. 2025

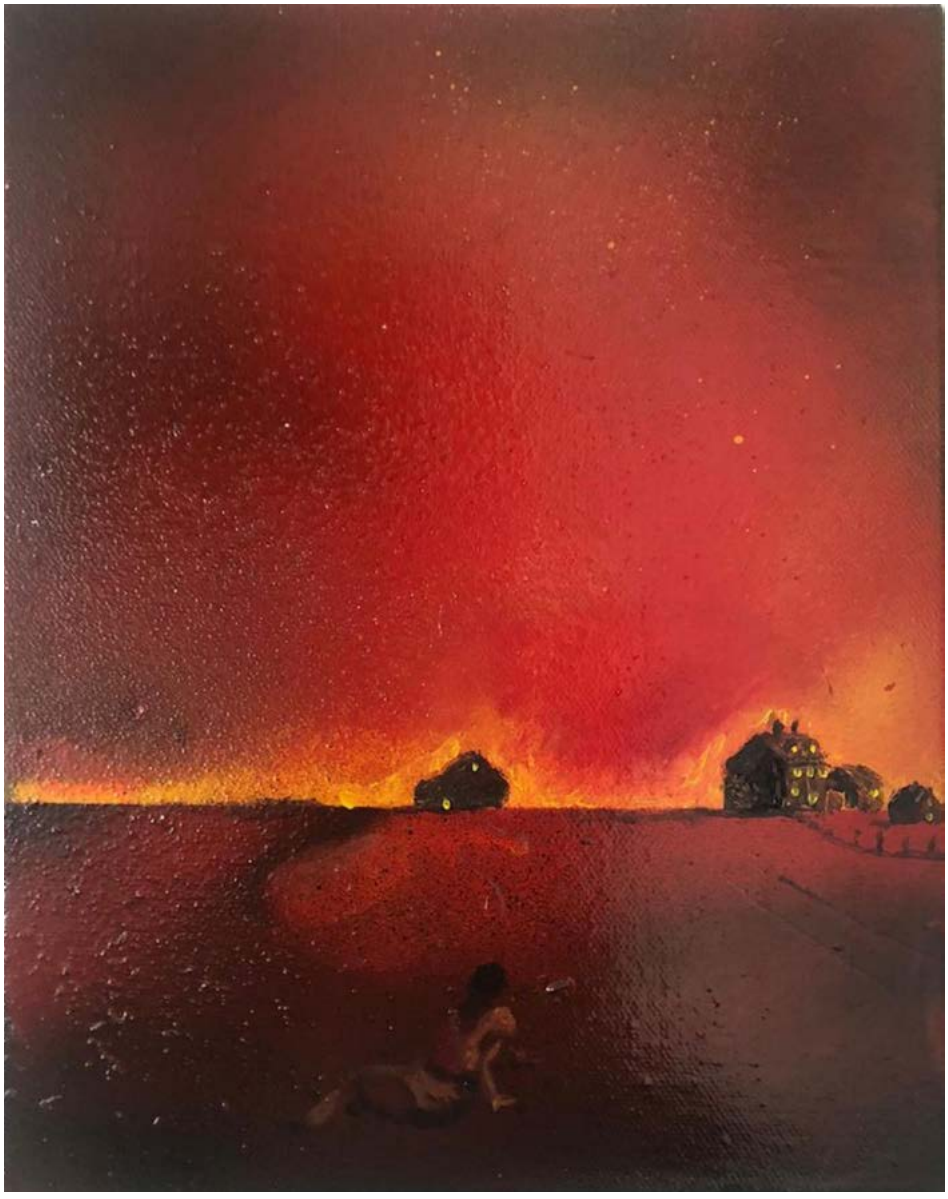


Figura 7
Jorge de León, *Andrew Wyerth world*, óleo sobre tela, 25 x 20cm, 2024

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 50,
jul.-dez. 2025

Jorge de León, artista da fricção e do incômodo, convida o fogo à arena do sensível. Porque as imagens ardem e nos ardem, não há apatia possível diante do chamamento. Seguindo Nietzsche, aprenderíamos a amar um mundo que retorna entre a dor e a potência, entre o fim e a reinvenção. De León, de sua margem, costura e convoca: que arda o mundo, mas que nunca cesse o chamado que o habita, que não se apague o fogo do que insiste em existir – e que sempre, enfim, haja quem possa responder ao chamado das chamas.

Na margem, Jorge de León permanece como figura de breu e centelha. Recusa a integração, resiste à domesticação pelas identidades hegemônicas. Suas imagens, como o bonsai sobre o tronco morto, não são reconciliação, mas aposta: é preciso florir no impossível, inverter o ciclo da morte, permitir que a vida minúscula, menor e teimosa, declare sua persistência. Fogo e cinzas, silêncio e grito, repetição e novidade – tudo pulsa no mesmo ciclo, convidando-nos à responsabilidade diante do comum da perda e da potência do porvir. Seu trabalho aciona o eterno retorno do gesto: "é preciso contar e recontar a história", insiste Galeano. Quanto às imagens, ardem porque recusam a apatia, porque se oferecem como laço e abismo, frágeis, sobreviventes, insistentes.

Figura 8
Jorge de León, *Jardin*, bonsai em toco de árvore arrancado do chão, madeira sobre madeira, 2018
Centro Cultural de Espanha na Guatemala, Cidade da Guatemala
Foto Kevin Franck, cortesia do artista



Arte & Ensaios
vol. 31, n. 50,
jul.-dez. 2025

Julie Brasil *é artista visual e professora na Unirio. Doutora em imagem e cultura, mestre em artes visuais e graduada em pintura pela UFRJ. Sua obra explora trauma, política, consumo e ironia. Participou de exposições no Museu da Cidade, Sesc, Caixa Cultural, CC Brasil México, Festival de Vídeos de Kassel entre outros espaços.*

Bibliografia de apoio

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro.* São Paulo: Perspectiva, 2017.

ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Trad. André Duarte. Brasília: UnB, 1985.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. In: ENTLLER, Ronaldo. *Porque as imagens ardem, museus queimam*. São Paulo: [s.n.], 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Imagens apesar de tudo*. Lisboa: Kkym, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 1998.

GALEANO, Eduardo. *Os filhos dos dias*. Porto Alegre: L&PM, 2012.

GALEANO, Eduardo. *Memoria del fuego*. Madrid: Siglo XXI de España, 1990.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Guerra e Paz, 1987.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Mário da Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Como citar:

BRASIL, Julie. Jorge de León – Chamas. Arte e sensibilidades no enfrentamento ao horror contemporâneo: um dossiê político-poético. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 31, n. 50, p. 309-320, jul.-dez. 2025. ISSN-2448-3338. DOI: https://doi.org/10.60001/ae.n50.20. Disponível em: http://revistas.ufrj.br/index.php/ae